

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O Maravilhoso Mágico de Oz: O Ciclone (1/24)

Dorothy vivia no meio das grandes pradarias do Kansas, com o Tio Henry, que era fazendeiro, e a Tia Em, que era a esposa do fazendeiro. A casa deles era pequena, pois a madeira para construí-la teve que ser transportada de carroça por muitos quilômetros. Havia quatro paredes, um chão e um telhado, que formavam um cômodo; e este cômodo continha um fogão de aparência enferrujada, um armário para os pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O Tio Henry e a Tia Em tinham uma cama grande em um canto, e Dorothy uma caminha em outro canto. Não havia sótão nem porão — exceto por um pequeno buraco cavado no chão, chamado de porão anti-ciclone, onde a família podia se abrigar caso um daqueles grandes redemoinhos surgisse, poderoso o suficiente para esmagar qualquer construção em seu caminho. Era acessado por uma porta no alçapão no meio do chão, da qual uma escada descia para o pequeno buraco escuro.

Quando Dorothy ficava na porta e olhava ao redor, não via nada além da grande pradaria cinzenta por todos os lados. Nem uma árvore nem uma casa quebrava a ampla extensão de terra plana que alcançava a borda do céu em todas as direções. O sol havia assado a terra arada em uma massa cinzenta, com pequenas rachaduras

correndo por ela. Até a grama não era verde, pois o sol havia queimado as pontas das longas lâminas até que ficassem da mesma cor cinzenta que se via em todos os lugares. Uma vez a casa fora pintada, mas o sol havia empolado a tinta e as chuvas a lavaram, e agora a casa estava tão sem brilho e cinzenta quanto todo o resto. Quando a Tia Em veio morar lá, ela era uma esposa jovem e bonita. O sol e o vento a haviam mudado também. Eles haviam tirado o brilho de seus olhos e os deixado de um cinza sóbrio; haviam tirado o vermelho de suas bochechas e lábios, e eles também estavam cinzentos. Ela era magra e descarnada, e nunca mais sorria. Quando Dorothy, que era órfã, veio morar com ela pela primeira vez, a Tia Em ficou tão assustada com o riso da criança que gritava e pressionava a mão contra o coração sempre que a voz alegre de Dorothy chegava aos seus ouvidos; e ela ainda olhava para a menina com espanto por ela conseguir encontrar algo para rir. O Tio Henry nunca ria. Ele trabalhava duro de manhã até a noite e não sabia o que era alegria. Ele também era cinzento, desde sua longa barba até suas botas rústicas, e parecia severo e solene, e raramente falava. Era Totó quem fazia Dorothy rir e a impedia de ficar tão cinzenta quanto o resto do ambiente. Totó não era cinzento; ele era um cachorrinho preto, com pelos longos e sedosos e pequenos olhos pretos que cintilavam alegremente de cada lado de seu engraçado e minúsculo nariz. Totó brincava o dia todo, e Dorothy brincava com ele e o amava muito. Hoje, no entanto, eles não estavam brincando. O Tio Henry estava sentado na soleira da porta e olhava

ansiosamente para o céu, que estava ainda mais cinzento que o normal. Dorothy estava na porta com Totó nos braços e também olhava para o céu. A Tia Em estava lavando a louça.

Do extremo norte, ouviam um lamento baixo do vento, e o Tio Henry e Dorothy podiam ver onde a grama longa se curvava em ondas diante da tempestade que se aproximava. Agora vinha um assobio agudo no ar vindo do sul, e quando eles viraram os olhos naquela direção, viram ondulações na grama vindo daquela direção também.

De repente, o Tio Henry se levantou.

"Há um ciclone chegando, Em," ele gritou para sua esposa. "Vou cuidar do gado." Então ele correu em direção aos galpões onde as vacas e os cavalos eram mantidos.

A Tia Em largou seu trabalho e veio até a porta. Um olhar lhe disse do perigo iminente.

"Rápido, Dorothy!" ela gritou. "Corra para o porão!"

Totó pulou dos braços de Dorothy e se escondeu debaixo da cama, e a menina começou a ir buscá-lo. A Tia Em, muito assustada, abriu o alçapão no chão e desceu a escada para o pequeno buraco escuro. Dorothy finalmente pegou Totó e começou a seguir sua tia. Quando ela estava no meio do caminho através do cômodo, veio um grande grito do vento, e a casa tremeu tão forte que ela perdeu o equilíbrio e sentou-se abruptamente no chão.

Então algo estranho aconteceu.

A casa girou duas ou três vezes e subiu lentamente pelo ar. Dorothy sentiu como se estivesse subindo em um balão.

Os ventos do norte e do sul se encontraram onde a casa estava, e fizeram dela o centro exato do ciclone. No meio de um ciclone, o ar geralmente está parado, mas a grande pressão do vento em todos os lados da casa a ergueu cada vez mais alto, até que ela estava no topo do ciclone; e lá ela permaneceu e foi carregada por milhas e milhas tão facilmente quanto você poderia carregar uma pena.

Estava muito escuro, e o vento uivava horrivelmente ao seu redor, mas Dorothy descobriu que estava viajando com bastante facilidade. Depois das primeiras voltas, e uma outra vez quando a casa inclinou perigosamente, ela sentiu como se estivesse sendo embalada suavemente, como um bebê em um berço.

Totó não gostava disso. Ele corria pelo quarto, ora aqui, ora ali, latindo alto; mas Dorothy ficou sentada bem quieta no chão e esperou para ver o que aconteceria.

Uma vez Totó chegou perto demais da porta do alçapão aberta e caiu; e a princípio a menina pensou que o tinha perdido. Mas logo ela viu uma de suas orelhas aparecendo pelo buraco, pois a forte pressão do ar o mantinha suspenso de modo que ele não podia cair. Ela



se arrastou até o buraco, pegou Totó pela orelha e o puxou de volta para o quarto, depois fechando a porta do alçapão para que não acontecessem mais acidentes.

Hora após hora se passou, e lentamente Dorothy superou seu medo; mas ela se sentia bastante solitária, e o vento gritava tão alto ao seu redor que ela quase ficou surda. No início, ela se perguntava se seria despedaçada quando a casa caísse novamente; mas conforme as horas passavam e nada terrível acontecia, ela parou de se preocupar e decidiu esperar calmamente e ver o que o futuro traria. Por fim, ela se arrastou pelo chão balançante até sua cama e se deitou; e Totó a seguiu e se deitou ao lado dela.

Apesar do balanço da casa e do lamento do vento, Dorothy logo fechou os olhos e caiu em um sono profundo.



